

Rent: nenhum dia além de hoje

Rent: no day but today

Lívia Sudare de Oliveira
Mestranda, PPGT-UDESC
Bolsista Capes
lisudare@gmail.com

Resumo: Quando em 1989 Jonathan Larson começou a escrever *Rent*, sua vontade inicial era fazer uma exaltação à diversidade, bem como mostrar que para ser saudável a sociedade precisa de artistas e da contracultura. Ao discutir o musical *Rent* como fonte para pesquisa em História do Tempo Presente eu busco neste artigo mostrar os aspectos sociais reais por trás do tempo lírico das canções, percebendo assim a razão pela qual *Rent* foi considerado por diversos jornais americanos, sendo o New York Times um deles, “a Voz de uma geração”.

Palavras-chave: contracultura, diversidade, História do Tempo Presente, música.

Abstract: When Jonathan Larson started to write Rent in 1989 his initial intention was to exalt the otherness, as well as demonstrate that in order to be healthy a society needs artist and counterculture. Discussing the musical Rent as a source to a Present Time's History research I intend to show on this paper the real social aspects behind the lyrical time of the songs, noticing then the reason why Rent was considerate by many American newspapers, being the New York Times on of them, the “Voice of a generation”.

Key-Words: counterculture, otherness, Present Time's History, music.

To days of inspiration,
Playing hookey, making something
Out of nothing, the need
To express-
To communicate,
To going against the grain,
Going insane,
Going mad
(Trecho da música La vie Boheme, do musical Rent).

Antes de tudo é preciso que faça um “aclaramento das minhas orientações” como já diria Jean Lacouture (In: LE GOFF. 2005. p.309). Cito o autor francês, pois, num pequeno trecho de seu artigo *A História Imediata* encontrei a legitimação para escrever o meu artigo em primeira pessoa do singular. Lacouture afirma que “É se manifestando que ele se neutraliza, ou abre para si às portas da equidade.” (In: LE GOFF. 2005. p.309). Desta forma para que possa adentrar no terreno de *Rent* é preciso que dê o meu testemunho sobre meu

primeiro contato com a obra, pois entendo que não posso isentar minha dita “parcialidade” no início para poder almejar abordar o tema com imparcialidade.

No dia 13 de dezembro de 2005, aos 19 anos, cheguei à Nova York, de onde partiria para o interior dos Estados Unidos a trabalho. Por ter um dia antes de partir, resolvi aproveitá-lo indo assistir a um espetáculo da Broadway, e por já conhecer algumas canções do repertório de *Rent* dirigi-me até o Nederlander Theater para comprar um ingresso. Paguei 45 dólares - metade do valor por ser estudante, sendo *Rent* um dos únicos espetáculos a dar 50% de desconto para estudantes, pois a maioria opta por dar no máximo 30% - por um local considerado bem localizado na platéia e voltei para o albergue para esperar o horário do espetáculo. No caminho de volta comecei a entrar em contato com uma das temáticas de *Rent*: a situação dos *homeless*, pessoas desabrigadas que enfrentam o inverno nova-iorquino a duras penas.

Ao chegar ao teatro deparei-me com cortinas abertas, com músicos no palco afinando instrumentos, atores e bailarinos no corre-corre entre aquecimento e últimos preparativos para o início do espetáculo. Olhei ao meu redor e vi uma platéia variada que ia desde jovens estudantes mal vestidos como eu à gente mais abastada, bem como idosos com aspectos de avós. Não houve primeiro sinal, não fecharam as cortinas para abri-las novamente, pois o espetáculo já havia começado desde que abriram as portas do teatro. E o primeiro *riff* foi o convite para que o público participasse ativamente do espetáculo, cantando junto como que em um show de rock, ali vivenciamos cada momento da história como que um imenso coro. Saí extremamente tocada do Nederlander Theater, e bem como a maioria dos espectadores que ali estavam, saí com um CD das músicas nas mãos e assim que tive a oportunidade fui até o cinema assistir o filme que havia sido lançado justamente em dezembro daquele ano.

Escolhi narrar brevemente meu primeiro contato com o tema deste artigo justamente para aclarar minha orientação. Não isento minha admiração pela obra como um dos fatores que me levou a escrever este trabalho. Gostaria de ressaltar, no entanto, que isto não interfere na minha imparcialidade, uma vez que este artigo não é uma exaltação a obra e nem mesmo uma crítica teatral. Este trabalho é antes de tudo uma análise de alguns pontos da temática do espetáculo e sua relação com a realidade de seu tempo. Para tanto as fontes base para a construção deste artigo são um vídeo de uma apresentação do espetáculo com o elenco original, o filme *Rent* de 2005 e o documentário *No Day But Today* também de 2005 sobre a trajetória de Jonathan Larson na produção de sua obra.

Escrevendo no fim do milênio

Rent foi uma obra que levou quase sete anos para ficar pronta. Foi escrita, reescrita e reescrita novamente. Foi uma obra construída na incerteza. Começou a ser pensada em 1989 justamente no final da Guerra Fria (momento de incertezas) por Jonathan Larson e Billy Aronson, entretanto por divergências entre os autores *Rent* passou a ser escrita somente por Larson. Formado na Adelphi University, Larson trabalhava como garçom para se manter enquanto criava suas obras e geralmente não aceitava trabalhos comerciais por temer que estes o distraíssem de suas próprias idéias. Após anos de composição e escrita, em 25 de janeiro de 1996, véspera da estréia de *Rent*, Larson veio a falecer vitimado por um AVC. A temática inusitada para os padrões dos musicais americanos, a boa qualidade técnica do texto e a morte súbita de seu autor fizeram de *Rent* um dos musicais mais assistidos da Broadway.

Em 1989, quando rascunho de *Rent* começava a ser rabiscado ainda sob a alcunha de *Boheme* e idéia central era fazer um musical baseado na ópera *La Boheme* de Puccini. Larson almejava escrever uma obra que falasse sobre a pobreza e sobre a boêmia. Mas ao transportar a história de Puccini para o final do século 20, Larson deparou-se com certas incongruências. Percebeu por exemplo que a doença aterrorizante não era mais a tuberculose e sim a AIDS, percebeu que não só a pobreza cria excluídos, mas também outros fatores. A costureira Mimi de Puccini virou a dançarina sado-masoquista, HIV positivo e viciada em heroína Mimi. Rodolfo, o poeta em *La Boheme*, passa a ser o cantor de rock Roger, HIV positivo e ex-usuário de drogas. O filósofo Colline é agora Tom Collins, anarquista, gay, HIV positivo e professor de filosofia. Marcello o pintor é Mark, um cineasta independente. O músico Schaunard é em *Rent* a *drag queen* percussionista Angel Schunard, HIV positivo. Musetta a cantora namorada de *La Boheme* se transformou em Maureen uma *performer* lésbica. Enfim, Larson faz uma série de mudanças nos personagens e decide mudar o nome da obra para *Rent*.

Apontarei aqui algumas das questões mais relevantes que o autor inseriu na obra. *Rent* é antes de tudo uma obra sobre a incerteza, esta é o fio condutor no qual as outras temáticas estão baseadas. Esta questão fica muito clara na canção título que abre o espetáculo:

MARK:
Como se documenta a vida real
Quando a vida real está mais
Parecida com ficção a cada dia que passa
Manchetes – filas para o pão
Explode minha cabeça
E agora esse é o ultimo prazo
"Ordem de despejo -- ou pague!"
Aluguel!
(...)
ROGER E A OUTRA METADE DO ELENCO
Como você se conecta em uma Era
Onde estranhos, proprietários, amantes
Renegam seu próprio sangue
TODOS
O que mantém tudo unido
Quando a fúria, ventos deslocados da mudança
Continuam a romper tudo¹

Na canção *Rent* está nítido o contexto do fim da guerra fria e das mudanças mundiais ocasionadas pelo colapso do bloco soviético, bem como é perceptível à questão do individualismo. As mudanças mencionadas também podem ser vistas pela ótica do HVI positivo que agora lida com as incertezas da vida com a doença. A canção *Life Support* aborda exatamente a questão do medo na vida do doente de AIDS nos anos 80, quando a medicina dizia ser extremamente baixa a expectativa de vida do HVI positivo; aborda também a importância dos grupos de apoio e da discussão sobre a doença.

PAUL
Como se sente hoje?
GORDON
Okay
PAUL
Isso é tudo?
GORDON
Melhor que já me senti o ano inteiro.
PAUL
Então por que escolher o medo?
GORDON
Eu sou um New Yorker!

¹ MARK: How do you document real life/ When real life is getting more/ Like fiction each day/ Headlines -- bread-lines/ Blow my mind/ And now this deadline/"Eviction -- or pay"/Rent!

ROGER AND OTHER HALF OF COMPANY: How can you connect in an age/ Where strangers, landlords, lovers/Your own blood cells betray

ALL

What binds the fabric together/When the raging, shifting winds of change/Keep ripping away

Medo é a minha vida!
Olha- Eu acho algumas coisas que vocês ensinam suspeitas.
Porque eu estou acostumado a confiar no intelecto.
Mas eu tento me abrir para o que eu não sei.
GORDON & ROGER (que canta de seu apartamento)
Porque a razão diz que eu deveria ter morrido
Há três anos atrás.
ALL
Nenhuma outra estrada
Nenhum outro caminho
Nenhum dia além do hoje²

Outro aspecto abordado em *Rent* é a vida nos Estados Unidos no final do milênio. Larson faz uma pesada crítica ao estilo de vida americano, consumista, focado no trabalho, não reflexivo.

Não respire muito fundo
Não pense o dia inteiro
Mergulhe no trabalho
Dirija para o outro lado
Aquele pouco de dor
Aquele pontinha de vergonha
Vai embora
Apenas jogue o jogo
Você está vivendo na América
No final do Milênio
Você está vivendo na América
Deixe a sua consciência após o bip.
E quando você está vivendo na América
No final do milênio
Você é o que você tem
(...)
Eu não tenho emoção, eu alugo.³

² GORDON: What do you mean?/ PAUL: How do you feel today?/ GORDON: Okay/ PAUL: Is that all?/ GORDON: Best I've felt all year/ PAUL: Then why choose fear?/GORDON: I'm a New Yorker! Fear's my life! Look - I find some of what you teach suspect/ Because I'm used to relying on intellect/ But I try to open up to what I don't know/ GORDON & ROGER (who sings from his loft): Because reason says I should have died/ Three years ago/ ALL: No other road/ No other way/ No day but today.

³ Don't breathe too deep/ Don't think all day/Dive into work/Drive the other way/ That drip of hurt/ That pint of shame/ Goes away/ Just play the game/ You're living in America/ At the end of the millennium/ You're living in America/ Leave your conscience at the tone/ And when you're living in America/ At the end of the millennium/ You're what you own

Apontamentos teóricos sobre as questões presentes em *Rent*

Talvez seja possível afirmar que Jonathan Larson presenciou e escreveu sobre a crise da modernidade. Suas inquietações são as mesmas apontadas como inquietações da modernidade, a confusão ante a velocidade das mudanças, as incertezas, as angústias, as desesperanças, são semelhantes às levantadas por teóricos contemporâneos a Larson. Em *Rent* vemos a denúncia pela inversão dos valores humanos, pela falta de contato e confiança entre pessoas. Vemos em Larson aquele tédio mortal de Kurz.

Tal como o homem só pode se constituir como indivíduo dentro da sociedade, como indivíduo ele só pode cultivar conteúdos e objetivos sociais. O indivíduo voltado exclusivamente a si mesmo é por força vazio, incapaz de forjar conteúdos próprios; seus projetos se esvaem na trivialidade fútil. No fim do século 20 a modernidade mergulhou num tédio mortal. (KURZ,1999, p.10)

Em *Rent* vemos a declaração desesperada de uma pessoa que não conseguiu identificar as discontinuidades do mundo em mudança. Larson não consegue seguir o que sugere Giddens, não consegue identificar o ritmo e o objetivo da mudança. E é justamente isto que faz com que *Rent* seja considerado a voz de uma geração, o espectador que em geral também não consegue identificar as discontinuidades deste mundo em mudança se reconhece nos personagens. A revolução de *Rent* é a mesma contemporânea mencionada por Baudrillard, ou seja é a da incerteza.

No que tange a questão da AIDS Larson mostra ficcionalmente os conflitos, inseguranças, e principalmente a vida de indivíduos HIV positivo. A questão central é que há vida após a doença, e que esta no entanto, tem de ser vivida ao seu máximo, dia por dia, em uma espécie de presente prolongado. Mas o mundo do HIV positivo retratado em *Rent* não é o do mundo pós-moderno, não ainda, e difere portanto do mundo pós-moderno retratado por Kumar:

Temos aqui o mundo pós-moderno: um mundo de presente eterno, sem origem ou destino, passado ou futuro; um mundo no qual é impossível achar um centro ou qualquer ponto ou perspectiva do qual seja possível olhá-lo firmemente e considerá-lo como um todo; um mundo em que tudo que se apresenta é temporário, mutável ou tem o caráter de formas locais de conhecimento e experiência. (1997, p.152)

Os indivíduos infectados em *Rent* não se prendem ao passado nem ao futuro, mas em nenhum momento são apresentados sem perspectiva, e o mutável só o é no caso da mutação final que é a morte. As histórias de amor são vistas como que para sempre e por exemplo no caso do relacionamento entre Angel e Tom Collins nem a morte dá ao amor deles o caráter temporário, pois o amor de Collins não acaba quando Angel morre.

Rent é um espetáculo quase que autobiográfico, as situações, as relações e até os protestos apresentados em sua trama foram em sua maioria vividos ou vivenciados por Jonathan Larson. A vida boêmia não lhe era estranha, a vida não convencional de artista pobre que tem problemas em se manter, temática que lhe inspirou a escrever a obra, é justamente um retrato de sua própria vida. O diagnóstico positivo para HIV de diversos amigos trouxe a Larson à realidade da doença, ele inclusive ia a um grupo de apoio chamado *Friends In Deed* acompanhando um amigo de infância que contraíra a doença em 1987. A maneira como o grupo lidava com a doença certamente influenciou o posicionamento de Larson.

Upon deciding to make AIDS a key topic in *Rent*, and perhaps also because his friends were now HIV-positive, Larson did his homework on the disease. He read, for instance, Susan Sontag's book containing the essays *Illness as Metaphor* and *AIDS and Its Metaphors*, highlighting and annotating his copy and taking notes for *Rent*.⁷⁰ He also copied information about AIDS and its treatment and cut out media articles about the epidemic. Larson's notes and numerous newspaper clippings, especially those from 1991-93, show his concern for the topics he writes about: homosexuality, homelessness, politics, and poverty as well as AIDS. (p.31)

Jonathan Larson apesar de ter se inspirado em *La Boheme*, sabia que sua obra não seria atrativa se fosse somente uma releitura modernizada da ópera de Puccini. Tentou ao máximo trazer para *Rent* o que se passava em seu tempo, em sua cidade, buscou a identificação com a sua realidade e também com a de seu público.

The politics and issues of New York City in the late eighties and early nineties provided Larson with his setting and topics for *Rent*. Reading his favorite local daily paper, the *New York Times*, was part of his creative and compositional process. (p.33)

A intenção de Larson não era somente fazer um relato à cerca de seu tempo, mas principalmente exaltar a diversidade, mostrar a importância que o artista e a contra cultura

tem dentro da sociedade. Na canção *La Vie Boheme* ele exalta uma série de artistas, escritores e participantes da contra cultura, tais como: Gertrude Stein, Kurosawa, Antonioni, Václav Havel, Maya Angelou, Lenny Bruce e tantos outros. Esta canção é, antes de qualquer coisa, um chamado a revolução, uma exaltação ao não conformismo. Em um mundo e uma época onde protestos e revoluções eclodiam constantemente, *Rent* veio para confirmar uma certeza. Impossível então negar a importância deste musical como uma manifestação artística e política, bem como ferramenta no auxílio para a compreensão do pensamento de seu tempo. É então com o apelo de *La Vie Boheme* que encerro este artigo. “Revolution, justice, screaming for solutions/Forcing changes, risk, and danger/ Making noise and making pleas! (...) The opposite of war isn’t peace, is creation!”

Referências

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

KUMAR, Krishan. *Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna: Novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997

KURZ, Robert. O tédio mortal da modernidade. Folha de São Paulo. página 10 – 28/11/1999. Disponível em: <http://obeco.planetaclix.pt/rkurz7.htm> Acessado em: 27/09/2011

LE GOFF, Jacques. *A história Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TITRINGTON, Elizabeth. *Over the moon: the creation and development of Rent* by Jonathan Larson. 2007. 81f. Thesis submitted to the Faculty of the Graduate School of the University of Maryland, College Park, in partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Arts. Disponível em: <http://drum.lib.umd.edu/bitstream/1903/6943/1/umi-umd-4445.pdf> . Acessado em: 27/09/2011

Filmes

No day but today: the story of rent. Produção de Jeffrey Schwarz. USA: Automat Pictures. 2006



Anais do I **Seminário Internacional História do Tempo Presente**
Florianópolis: UDESC; ANPUH-SC; PPGH, 2011. **ISSN 2237-4078**

Rent: filmed live on Broadway. Produção de Michael John Warren. USA: Radical Media.
2008

Rent: no day but today. Produção de Chris Columbus. USA: Revolution Studios. 2005.